

«Todo este braço he navegavel (desde Aveyro athé o lugar de S. Romão que tão bem he do termo de Aveyro, e fica vezinho, e quazi defronte do de Ouca (por espaço de largas duas legoas que tanto fazem de Aveyro ao dito lugar de S. Romão. Tem pello meyo hum canal (vulgarmente chamado cal) bastantemente fundo, capáz de navegarem por elle embarcaçoens de quilha como caravellas, e ainda mayores, e há tradição que antigamente navegáram athe defronte de Vagos a carregar de sal no tempo que as prayas de hũ e outro lado erão marinhas, nome que ainda algumas dellas conservão. Porem ao prezente seria impraticavel semelhante navegaçam por se achar este rio no sitio chamado Remelhe, totalmente areado de sorte que se passa a váo». (Tomo XVIII, fl. 132).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Olaria luso-romana em S. Bartholomeu de Castro-Marim

À memoria de Francisco Silvestre de Sousa Rocha

Por informações do meu particular amigo, hoje fallecido, Francisco Silvestre de Sousa Rocha, que era dedicado amator da numismatica, soube que ao pé da aldeia de S. Bartholomeu de Castro-Marim, no concelho de Villa-Real de Santo Antonio, tinham por vezes apparecido amphoras romanas inteiras, o que levava a crer que alli existira uma estação luso-romana.

Havendo-me o mesmo Sr. facilitado uma excursão áquella aldeia, onde tinha familia e muitas relações, parti para lá em fins de Dezembro de 1896, e mandei proceder a excavações no local, das quaes resultou descobrir-se não só um depósito de amphoras, mas um forno de cozer barro (em latim *fornax*).

O local chama-se *Os Olhos*, e fica á margem do esteiro da Carrasqueira, junto da povoação de S. Bartholomeu de Castro-Marim, a uns 200 ou 300 metros, ao Nascente, da ermida. É terreno accidentado, em que ha hortas e pomares; atravessa-o um caminho público. O chão está juncado de cacos de amphoras (asas, bocaes, fundos, pedaços de bojos) e de cacos de tegulas; tambem por ali apparecem tijolos pris-

¹ Vid. desenhos de tijolos analogos n-O Arch. Port., 1, 315.

máticos grossos e outros com base de quarto de círculo, e pedaços de *opus Signinum* (agglutinação de cacos, seixinhos, cal e areia), isto é, formigão, bem como alguns pequenos fragmentos de vasos finos.

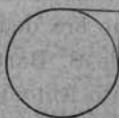
O forno appareceu enterrado no caminho, e o depósito junto do esteiro, a uns 100 metros de distância do forno, num talho de terra pertencente a um camponês de S. Bartholomeu de Castro-Marim.

Fallarei primeiro do forno, e seguidamente do depósito.

1. Forno

A parede do forno, feita de tijolo, e de espessura média de 0^m,6 a 0^m,7, constitue um cylindro, de uns 3^m,44 de diametro, na occasião completamente sotterrado e entulhado com terra e cacos. A construcção, depois do respectivo desentulhamento, offerecia o aspecto de um poço de tirar água. A altura, no estado actual do forno, é de uns 3^m,84, contada desde o fundo até o nivel do caminho. Neste, como noutros fornos romanos que se conhecem fóra de Portugal¹, a abobada, se a teve, estava completamente destruida.

Num dos lados do forno tinha-se feito uma parede, que, antes da excavação, parecia borda de tanque: angulo com os lados tangentes á circumferencia, como se vê na seguinte figura eschematica.



O forno, no momento de exploração, constava de duas partes: uma inferior, a fornalha; outra superior, o laboratorio, ou camara, em que as vasilhas se coziam.

Sendo a fig. 1 a planta do edificio, vemos na fig. 2 (córte vertical) a disposição das duas partes mencionadas.

a) Fornalha:

A fornalha, com a abertura voltada para o Nordeste, compõe-se de um grande canal central, C, de 1^m,56 de altura e de 0^m,97 de largura, o qual começa fóra do forno numa extensão que não pude medir exactamente, mas que não era inferior a 2 metros.

¹ Vid. *Dictionnaire des antiquités romaines et grecques*, de Darenberg & Soglio, s. v. *fornax*.

Este canal, destinado a receber a lenha, é descoberto na parte que fica fóra do forno, e ahi mais estreito ($0^m,69$) que dentro do forno; ao penetrar na parede propria do forno, alarga-se successivamente ($0^m,84$ até $0^m,97$), e ahi tinha um arco de entrada, já destruido (*prae-furnium*); depois estende-se pelo eixo do forno, desembocando no espaço D, e communicando perpendicularmente, como se vê no cóрте vertical (fig. 3), com quatro canaes secundarios, de uns $0^m,30$ de largura, os tres ultimos formados entre quatro paredes de tijolo que no centró constituem arcos ogivães sobre o canal grande¹, e o primeiro formado entre a primeira d'estas paredes e a parte anterior da parede circular do forno. A altura da parte externa do canal era um pouco inferior á do arco de entrada. Este arco achava-se desmoronado, como digo a baixo, em nota, e por esse motivo não pude saber qual era a sua fórma; todavia, de certo ella era igual á dos outros, tanto mais que os tijolos que o constituíam eram iguaes aos tijolos dos arcos restantes.

As paredes dos canaes transversaes, e a parede circular do forno são feitas de barro vermelho, cal, cacos (de amphoras e de tegulas) e de tijolos; os arcos formados pelas paredes transversaes são porém feitos só de grossos tijolos (*lateres*) parallelepipedicos, sobrepostos horizontalmente, de modo que a largura das paredes dos arcos é igual ao comprimento dos tijolos; isto é: a volta do arco é de tijolo, o resto da parede é de barro, cacos e outros tijolos. Na construcção do forno não entrou pedra. Os tectos dos canaes secundarios são formados por pedaços de tegulas e ladrilhos, postos perpendicularmente aos canaes, e parallelamente ao canal do centro; o tecto do canal do centro é formado da mesma maneira e pelas abobadas dos arcos. Na fig. 4 dá-se o desenho de um dos tijolos que entravam na construcção do forno. Nos tectos de todos os canaes ha, de espaço a espaço, respiradouros, como se vê na planta, e no segundo cóрте vertical, constituídos por outros tantos gargalos de pequenas amphoras inutilizadas, adaptados cada um a sua abertura.

O espaço D, onde desemboca o canal central, e que é por tanto opposto á abertura do forno, tem de flexa uns $0^m,74$.

O lume pegava-se pelo canal central á lenha collocada na fomalha; do canal central distribuía-se aos transversaes, sahindo o fumo pelos

¹ O último d'estes arcos estava já destruido, na occasião das excavações; mas o que resta das paredes não deixa dúvida que ellas pertenciam a um arco como os mais.

respiradouros; a labareda principal derivava para o espaço D, que era vazio e recebia tambem a cinza.

Tanto as paredes de todos os canaes, como os gargalos dos respiradouros, tinham ainda na sua face interna vestigios de lume. Pelo meio do forno, nos entulhos, appareciam tambem telhas queimadas e escóreas.

b) *Camara da cozedura:*

O chão da camara é horizontal, como se vê nos desenhos dos côrtes, e consta de duas partes: uma solida, e espessa, formada pelas extremidades superiores das paredes dos canaes transversaes e dos arcos; outra, menos solida, e com os respiradouros, formada pelo tecto d'esses canaes.

Era na camara que se collocavam os objectos de barro no estado verde, para serem cozidos com o calor que emanava dos canaes sub-jacentes.

2. Depósito das amphoras

Era, como disse, junto do esteiro que tinham apparecido por vezes muitas amphoras. Mandei cavar até á fundura de 1^m,5 pouco mais ou menos; a esta profundidade começavam a apparecer bocaes de amphoras. Logo que os bocaes appareciam, o Sr. Sousa Rocha, animado da melhor vontade em me auxiliar, principiava, com dois dos homens mais habilidosos que andavam no serviço, a desviar a terra cuidadosamente, já por meio de sachos pequenos, já por meio de facas, de modo que as amphoras não soffressem nada. Como a terra era um pouco humida, e como as amphoras estavam adherentes umas ás outras e á terra, a operação tornava-se por isso bastante melindrosa.

Muitas amphoras achavam-se já completamente quebradas; outras ainda inteiras ou quasi: d'estas consegui extrahir doze, que vieram para o Museu.

O número total das amphoras que aqui houve era porém muito superior a este: só bocaes distinctos encontrei á superficie do chão, avulsos, trinta e um; outras amphoras haviam sido atiradas ao esteiro; o dono do campo tinha tambem, ha 16 annos para cá, encontrado e destruido muitas. Póde calcular-se que o número de todas estas amphoras não era inferior a oitenta.

As que porém estão salvas são: as doze que vieram para o Museu (inteiras ou consertadas); uma possuida ao tempo pelo Sr. Sousa Rocha; outra por um parente d'este Sr.; outra, que se acha no Museu Archeologico de Faro.

Observei que as amphoras estavam dispostas, tres a tres, ao alto, e em fila, com alguma inclinação, devida á pressão da terra: (vid. a fig. 5, que dá ideia de tal disposição).

Sobre estas havia outras deitadas, já partidas. As que estavam a pino jaziam enterradas em barro branco, umas até quasi ao meio, d'outras só o bico, ou pouco mais.

Em estampa, sob o n.º 6, dou a figura de uma das amphoras do Museu, segundo o desenho do Sr. Henrique Loureiro: altura 0^m,95; largura maxima do bojo 1 metro; diametro do bocal, tomado em cima, 0^m,14; largura do gargalo 0^m,36. As outras amphoras que estão no Museu, e a do Sr. Sousa Rocha são sensivelmente iguaes a esta, quanto á fórma; apenas algumas differem entre si, em alguns centímetros, nas dimensões. As asas apresentam um sulco ao meio, em todo o comprimento. A estructura d'estas vasilhas é solida. São de barro avermelhado.

A par de amphoras grandes, como a que fica descrita e figurada, havia no depósito outras menores, a julgar pelos gargalos e pelos bicos fundeiros que appareceram, e de que eu trouxe exemplares para o Museu. Mas as vasilhas grandes constituíam a maioria. Na estampa figuro, sob os n.ºs 7, 8, 9 e 10, alguns bicos avulsos que appareceram, e que differem entre si na fórma: uns são lisos, outros não; uns terminam em ponta, outros são planos por baixo; pertencem a amphoras de diversos tamanhos.

No mesmo campo em que se acharam estes objectos, acharam-se dois fragmentos de objectos tambem de barro, que passo a descrever. Um fazia parte de um tóro delgado (estampa annexa, fig. 11), de uso indeterminado, pois não é fragmento de vaso¹. O outro, como se vê na fig. 12, fez parte de um tubo (altura 0^m,09; diametro 0^m,11), e parece haver servido de descanso de algum vaso, pois está acabado nos dois bordos naturaes; nunca foi gargalo de amphora, como á primeira vista se poderia suppor; este objecto offerece na superficie externa uns sulcos parallellos e transversaes, que o enfeitavam singelamente.

Ao repente póde ficar-se em dúvida se a estação de que estou fallando era um depósito de olaria, se uma adega ou dispensa; mas não ha dúvida que se trata de um depósito de oleiro: sem trazer á

¹ No Museu Ethnologico depositou o Sr. Ferreira Braga um tóro tambem de barro, mas inteiro e com tampa, que faz lembrar este. Foi achado ao pé de Santarem.

consideração o facto de algumas das amphoras estarem deitadas sobre outras, porque isso podia acontecer numa adega ou dispensa com vasos vazios, basta notar que todas as amphoras e cacos que vi eram novos, como que sahidos do forno; alem d'isso, se se tratasse de uma adega ou dispensa, deviam apparecer as tampas das amphoras: mas não encontrei nem uma, entre tantos cacos e vasilhas! Apenas uma molher me disse ter ahi encontrado em tempos umas pequenas «tapadeiras» com uma «pègazinha», que até lhe serviam de testo: estas «tapadeiras» são provavelmente testos de amphoras; comtudo, que importancia tem isto em comparação do número extraordinario de fragmentos de amphoras, entre os quaes não appareceu testo nenhum, e em comparação do facto de eu ter visto sem tampa algumas dezenas de amphoras (contando as aproveitaveis e as quebradas) ainda no seu primitivo lugar?

As excavações puseram a descoberto dois lanços de paredes do edificio que servia de depósito, lanços constituídos por tijolos, pedaços de tegulas e barro; com este edificio devem tambem relacionar-se os fragmentos de *opus Signinum* de que fallei a cima, bem como muitos dos tijolos e tegulas encontrados constantemente pelo chão, ou na terra do campo.

3. Considerações geraes

Temos assim, de um lado, o forno em que se coziavam as vasilhas de barro; do outro, a pequena distancia, o depósito d'estas vasilhas.

Com excepção do fragmento de uma beira de vaso ornamentada, fig. 13, e dos outros objectos figurados, tudo estava desprovido de enfeitos da arte: não se puzera em parte o preceito horaciano *utile dulci*, havia-se só cuidado do *utile*. Por tanto, podemos dizer que alli se fabricava e guardava não só barro grosso, mas grosseiro.

O local abunda em água doce, que nasce por toda a parte: é o ponto da povoação onde ha mais: elle seria pois escolhido para olaria por causa da água. Alem d'isso, como o local fica junto do esteiro, tornava-se muito facil o embarque das vasilhas, para irem ser vendidas longe.

Resta agora saber qual o motivo de se terem conservado até os nossos dias tantas amphoras. Creio que se poderá explicar o facto por alguma inundação que destruísse e submergisse o edificio do depósito, a ponto de ter sido impossivel durante tempos extrahir de lá as vasilhas, na totalidade ou em parte; depois, com o correr dos annos, e a successão dos povos, o depósito ficou esquecido, e como, pela perda d'estes haveres, não havia estímulo para de novo accender

o forno, este continuou apagado, até que a terra o cobriu e m'o guardou, para eu o tornar a abrir, passados quasi dois mil annos. Depois de excavado e rebuscado, mandei outra vez aterrar o forno, a fim de se conservar no seu estado actual para o futuro, para alguém que, em eras de maior amor archeologico que o que existe hoje, o deseje restaurar e conservar devidamente resguardado; se eu o deixasse a descoberto, desapareceria em breve!

Infelizmente não encontrei moeda nenhuma que pudesse indicar uma data; só soube que uma vez apparecêra uma, cujo paradiro porém se ignora. Em compensação, depois do meu regresso a Lisboa, deparou-se-me no extincto Museu do Algarve, hoje encorporado no Museu Ethnologico Português, um bom pedaço de uma telha (*imbrea*) achada no mesmo sítio dos *Olhos* na qual se lê, pelo lado de fóra, a inscripção que vae figurada em tamanho natural na estampa junta, n.º 14¹, que diz: *qui legit*,— e que fazia parte provavelmente de alguma sentença séria ou graciosa, como outras que ha analogas, pertencentes a todos os tempos: cf. *Corp. Inscr. Lat.*, IV, 2360—, e que já saiu publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Suppl.*, n.º 6255—r. A inscripção foi lavrada com um ponteiro, quando a telha estava ainda fresca. Esta é de barro vermelho, e tem de comprimento 0^m,56; de largura (maxima) 0^m,225 e (minima) 0^m,215; de espessura 0^m,024 (na parte mais larga) e 0^m,014 (na parte menos larga). Esta inscripção não é anterior ao sec. I da Era Christã, nem talvez posterior ao sec. III. O forno e respectivo depósito devem ascender á mesma epocha que ella. De mais nenhuma inscripção sei apparecida no local.

As doze amphoras que consegui extrahir, e que, como disse, trouxe para o Museu Ethnologico Português, constituem neste uma secção importante da epocha luso-romana, por serem todas de uma localidade, e saídas de uma só officina. Com ellas estão os outros fragmentos ceramicos e tijolos de que falléi a cima. Todos estes objectos podem servir de ponto de partida para o estudo de objectos analogos, e tambem para o conhecimento de relações que por ventura houvesse naquella epocha entre a estação industrial de S. Bartholomeu de Castro Marim, e varios pontos do país, sobretudo do Sul.

¹ As gravuras das figs. 1, 2 e 3 serviram de base um desenho do Sr. Henrique Loureiro, feitos com indicações e medidas minhas tomadas *in loco*. Á fig. 5 serviu de base um desenho feito pelo Sr. Gabriel Pereira. A fig. 14 foi tomada de um decalque da inscripção. As outras figuras da estampa foram feitas tambem segundo desenhos do Sr. Henrique Loureiro, tomados do natural.

*
* *

Dedicando este artigo á memoria de Francisco Silvestre de Sousa Rocha, cumpro um dever de saudade e de gratidão, não só pela intensa amizade que nos ligava, como porque, se não fosse elle, eu não tinha realizado a exploração da olaria de S. Bartholomeu, nem enriquecido o Museu Ethnologico Português com tão boa collecção de amphoras. Alem d'isso, durante a minha estada por essa occasião no Algarve, fiz ainda outra excavação, embora não com tanto fruto como esta, visitei várias estações archeologicas, e recolhi muitos objectos, uns antigos, outros modernos. Tudo isto devo á bondade de Sousa Rocha, e ao amor que elle consagrava aos assuntos archeologicos: apesar de colleccionador, não tinha ciumes nenhuns de que outrem colligisse tambem, e pelo contrário me instigava a isso, e usava de maxima liberalidade e franqueza para comigo. Fique indicada aqui esta feição do seu puro character. Como noutro artigo, ainda começado em vida d'elle, mas que me não tem sido possivel concluir, fallo outra vez de Sousa Rocha e da sua collecção archeologica, artigo que ha-de tambem sair n-*O Archeologo Português*, limito-me por agora a lembrar que de várias offertas suas ao Museu, ou por elle promovidas, se deu relação na presente revista, na secção de «Acquisições do Museu Ethnologico», n.ºs 57, 58, 97 e 98, e que á cêrca de algumas moedas arabes da sua collecção fallou no vol. I, 97-103, o distincto arabista o Sr. Dávid Lopes, num artigo especial que consagrou ao assunto. Sousa Rocha possuia, alem d'estas, muitas outras moedas arabes de prata, algumas das quaes tinha promettido offerecer-me: a morte prematura e inesperada não o deixou realizar o seu desejo!

Foi para mim dia de grande tristeza aquelle em que soube do fallecimento de Sousa Rocha. Eu votava-lhe affeição verdadeira, porque a par dos serviços archeologicos que me havia prestado, e me constituam devedor de continua gratidão, eu tinha reconhecido nelle uma das qualidades que mais aprecio num amigo, e que tão raramente se encontram: a sinceridade. Se ás páginas d-*O Archeologo Português* está destinada alguma publicidade, e alguma duração nas estantes dos estudiosos, seja nellas lembrado o nome do amigo prestimoso e cidadão excellente que se chamou Francisco Silvestre de Sousa Rocha. E perpetuando-lhe a memoria, *O Archeologo Português* honra-se tambem.

J. L. DE V.

Planta

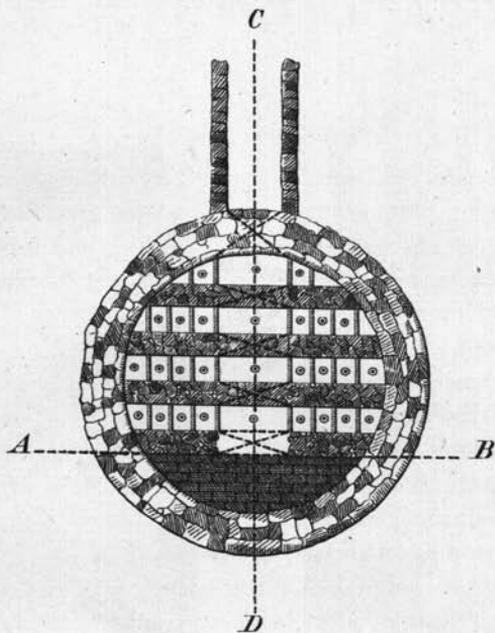


Fig.^a 1

Córtre por AB

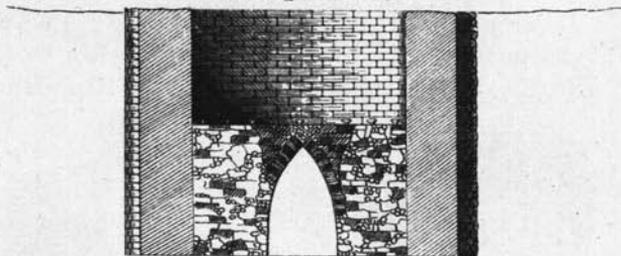
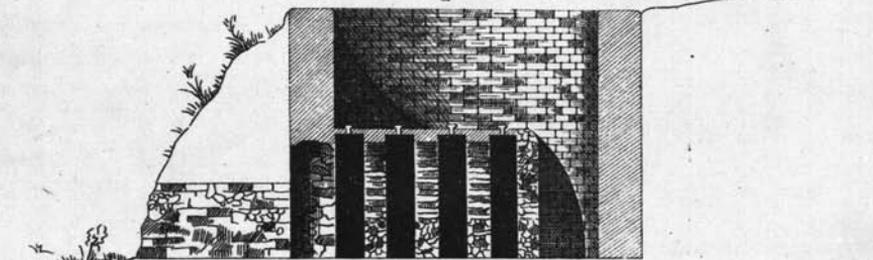


Fig.^a 2

Córtre por C.D



Escala de 0,01 por metro

Fig.^a 3

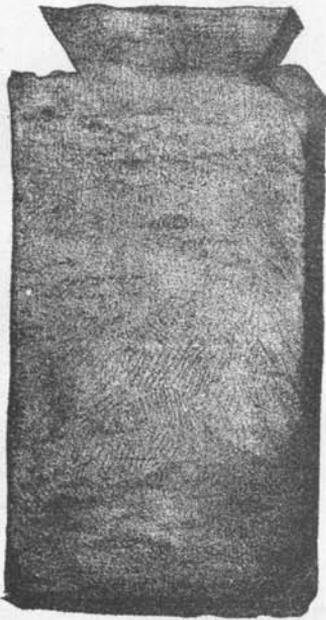


Fig. 4



0.95

Fig. 6

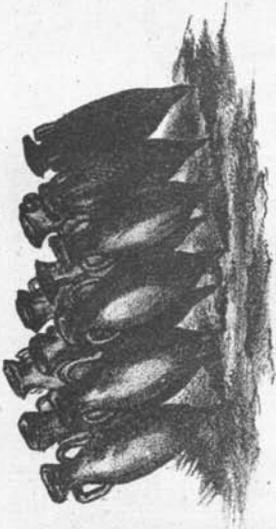
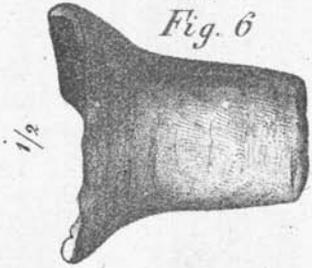
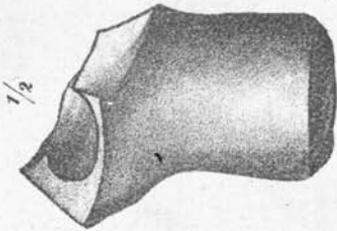


Fig. 5



$\frac{1}{2}$

Fig. 7



$\frac{1}{2}$

Fig. 8



Fig. 9



Fig. 10

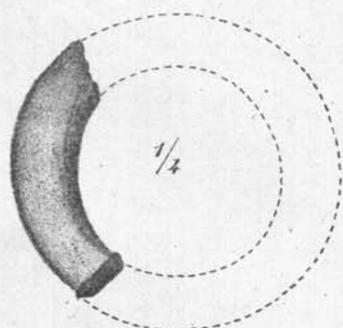


Fig. 11

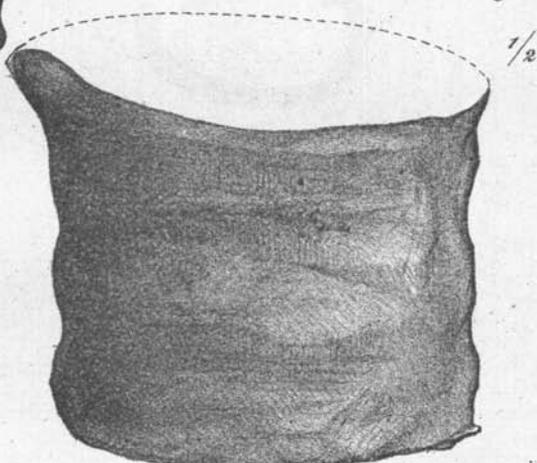


Fig. 12



Fig. 13



WILFELT

Fig. 14